

## Saindo do armário? uma análise da produção discursiva sobre o grupo LGBT na mídia impressa em Goiás

*Coming out of the closet? an analysis of the discursive production about the LGBT group in print media in Goiás*

Lenise Santana Borges<sup>1</sup>  
(enisel@uol.com.br)

Alice de Alencar Arraes Canuto<sup>2</sup>  
(aliceaacanuto@gmail.com)

### Resumo

Esse artigo tem por objetivo apresentar uma análise da produção discursiva sobre o grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros) na mídia impressa local, tomando para análise matérias publicadas no jornal *O Popular*, no período de 1993 a 2001. Essa pesquisa teve como base teórico-metodológica o Construcionismo Social, as teorias feministas e de gênero, e os estudos *gays/lésbicos* e *queer*. Nesse período, foram identificadas 250 matérias indicando que, se por um lado a temática LGBT tem ganhado espaço, por outro, a produção discursiva sobre os LGBT mostra-se bastante discrepante. Há uma predominância de matérias sobre a população “gay” e um silenciamento sobre outras “identidades” como o caso das lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros, denotando que algumas identidades permanecem mais “abjetas” que outras.

**Palavras-chave:** LGBT. Construcionismo social. Práticas discursivas. Mídia impressa.

### Abstract

This article aims to present an analysis of the discursive production about the LGBT group (lesbians, gays, bisexuals, transsexuals, travesties and transgenders) in the local print media, taking for analysis print news published in *O Popular* newspaper, during the period covered from 1993 to 2001. The research was based on theoretical and methodological Social Constructionism, feminist and gender theories and *gay/lesbians* and *queer* studies. During this period, 250 news were identified indicating that, if in one hand, the LGBT subject has been gaining space, on the other, the discursive production about the LGBT appears to be quite discrepant. There is a predominance of news about “gay” men and a silence around others “identities”, which is the case of lesbians, travesties, transsexuals and transgenders identities, denoting that some identities remain more “objects” than others.

**Keywords:** LGBT. Social constructionism. Discursive practices. Printed media.

---

<sup>1</sup>Professora dos programas de Graduação e Pós-graduação do curso de Psicologia da PUC-GO, e integrante do PIMEP (Programa Interdisciplinar da Mulher) da PUC-GO. Graduada em Psicologia pela PUC-SP. Mestra em Women and Development no Institute of Social Studies. Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Cofundadora do Grupo Transas do Corpo.

<sup>2</sup>Graduada em Psicologia pela PUC-GO, mestranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFG.

## Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar um recorte da análise da produção discursiva sobre o grupo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros) na mídia impressa goiana. Ele é fruto de uma observação situada no presente e de algumas pesquisas<sup>3</sup> realizadas, e busca refletir sobre algumas possibilidades e limites da mídia enquanto um lugar de visibilidade para grupos minoritários na sociedade.

Como um campo de destacada influência, a mídia tem sido reconhecida na produção e reprodução de valores e sentidos sobre as diversas formas de se falar sobre as sexualidades, seja pela introdução de temáticas até então consideradas tabus para um amplo espectro de pessoas, seja, pela forma como ela tem abordado essas temáticas.

A visibilidade conferida pela mídia a temas e acontecimentos considerados tabus tem sido interpretada de diferentes maneiras. Há aqueles que a percebem como um veículo politicamente importante na construção e circulação de novos significados sobre aquilo que é considerado proibido, bem como de estratégias de resistência para grupos considerados minoritários na sociedade. Por outro lado, a mídia é vista também como um lugar de manutenção e reificação de sentidos homogeneizantes que impedem o reconhecimento da pluralidade existente no mundo.

A mídia impressa possui algumas especificidades como a: periodicidade, as editorias, fontes e autorias (MASKUD, 2008). Este artigo tem como proposta um recorte das editorias “Cidades” e “Opinião” do jornal *O Popular*. A escolha do jornal se deu em razão desse ser o que apresenta maior tiragem do centro-oeste, 40 mil exemplares diários, e 60 mil exemplares aos domingos. Já, as duas editorias ocupam zonas privilegiadas do jornal, no quesito de produções estritamente goianas, uma vez que em “Cidades” se noticia assuntos da cidade e municípios próximos, e na coluna “Opinião” são pessoas da cidade que escrevem e criticam, opinam, na maioria das vezes, sobre questões da cidade.

A circulação desse jornal e sua divulgação de sexualidades não convencionais (LGBT) requer ser estudada em seus repertórios e produção de sentidos. Sabe-se que a homofobia está presente no cotidiano do Brasil, e que eventos relacionados a ela são recorrentes no contexto goiano. Muitos dos fatos que viram notícias circularão entre leitores/ ouvintes/ telespectadores/

---

<sup>3</sup> “Repertórios sobre lesbianidade na novela *Senhora do Destino*: possibilidades de legitimação e de transgressão” (BORGES, 2008) e a pesquisa “Posições identitárias na homossexualidade masculina e suas relações com o consumo” (CARDOSO, 2010).

internautas contribuindo na produção de saberes e formas específicas de comunicar o que é masculino e feminino, o que é uma identidade sexual “legítima” ou não.

## 1 O jornal *O Popular*

O jornal *O Popular* foi fundado em 1938, e se destaca como um dos veículos de comunicação pioneiros no cenário goiano nesse tipo de mídia. É destinado ao público leigo em geral, tem uma característica mais informativa. Atualmente é distribuído a 246 municípios do estado de Goiás, além de outros 32 municípios do estado do Tocantins, Distrito Federal, Mato Grosso, Minas Gerais e Pará.

A composição mais recente do jornal inclui: “Capa”, “Cidades”, “Economia”, “Política”, “Mundo”, “Esporte”, “Opinião”, “Magazine”, “Multimídia”, “Classificados” e “Utilidades”. Além destas, há outras três de edição semanal, “Revista da TV”, “Almanaque” e “Suplemento do Campo” e outros cadernos especiais que são editados ao longo do ano.

## 2 Materiais

O corpus da pesquisa foi composto por matérias do *O Popular*, que contivessem os indexadores: bissex, homossex, gay, lésbica, diversidade sexual, LGBT, transgênero, transex, travesti e homofobia extraídos das editorias “Cidades” e “Opinião”.

A partir dessa primeira identificação, as matérias coletadas foram submetidas a uma análise quantitativa, visando entender a visibilidade conferida ao tema pela mídia em questão. O segundo passo ainda em andamento consiste na análise qualitativa das matérias. Nessa segunda etapa, estamos em processo de identificar quais: a) os repertórios interpretativos; b) os sentidos atribuídos às identidades de gênero e sexuais; c) as vozes predominantes nas matérias; e d) se é uma matéria de conteúdo homofóbico ou não.

## 3 Passos metodológicos

Localizamos a princípio duas opções de busca viáveis, o Instituto Geográfico e Histórico de Goiás (IGHG), fundado em 1932, e conserva desde 1978 todas as edições do *O Popular* em sua sede; e o banco de dados do Centro de Documentação (CEDOC) do jornal. No entanto, por questões de reforma no IGHG optamos por realizar a busca no CEDOC.

Até o ano de 1991 os jornais do CEDOC eram microfilmados, e a partir de 1992 passaram a ser digitalizados em computador, o que facilita na busca e identificação das matérias. Dessa forma, foi possível fazer uma identificação das matérias e salvá-las automaticamente no programa do Word, originando um documento único com todas as matérias a partir do ano de 1993. Os campos de cada ficha do banco de dados continham as seguintes informações: catalogador/a; indexador pesquisado; data; código de identificação, nomeados no programa como “ID” e “localização”; pessoa ou objeto; evento/assunto; fonte; local da foto; editoria e matéria.

O primeiro acesso ao banco de dados do CEDOC teve por objetivo realizar um teste piloto visando verificar a abrangência de matérias quando digitado um indexador, por exemplo, “homossexual”. Vale comentar que nesse momento tivemos a orientação da coordenadora do CEDOC do jornal, que foi de grande valia para a escolha dos indexadores. Ela sugeriu que utilizássemos na busca palavras sem os respectivos sufixos (como “bissex”, “homossex” e “transex”), possibilitando alcançar outras derivações. Dessa forma, os sufixos “ismo”, “ade”, entre outros foram contemplados.

Em função do volume de matérias, do recorte temporal (1993 a 2011), e das regras de funcionamento do CEDOC, necessidade de agendamento prévio dentro de horário disponível, o período de coleta de dados durou 06 meses. Devido a quantidade de matérias encontradas a partir do ano 2001, optou-se por dividir a busca em duas séries temporais, uma no período de jan/1993 a dez/2001, e outra, no período de jan/2002 a dez/2011.

Após a coleta de dados foi construído um banco de dados com todas as matérias coletadas arquivadas sequencialmente em um documento único para cada indexador no Word com as seguintes informações: catalogador; indexador pesquisado; data; código de identificação; fonte; local da foto; editoria; matéria; comentário sobre a matéria.

A partir desse documento foi realizada uma primeira “limpeza” do material. Fizemos uma leitura das matérias, e identificamos que havia matérias que não tinham relação com o tema LGBT. Por exemplo, matérias que tinham o termo “gay” como prefixo ou sufixo de um nome próprio, “Gayle”. Ou como no caso de bissex, apareceram várias matérias que reportavam sobre o ano “bissexto”, que foram excluídas. Um outro critério de exclusão foi retirar as matérias repetidas. Por exemplo, no caso dos indexadores “homossex” e “gay”, havia muitas matérias repetidas, portanto optou-se por considerá-los conjuntamente, pois são utilizados muitas vezes como sinônimos, referindo-se à homossexualidade masculina. Também foram retiradas matérias que apenas

mencionavam o indexador, mas não abordavam o tema. Antes da limpeza do material foram identificadas 551 matérias, e após a limpeza, 250 permaneceram para análise.

Em seguida foi realizada uma sistematização das matérias em planilhas no programa Excel. Foram construídas seis planilhas, uma para cada indexador pesquisado. Contendo as seguintes informações: 1) numeração; 2) data de publicação; 3) título; 4) editoria; 5) autoria; 6) repertórios; 7) sentidos; 8) sinopse da matéria; 9) comentário sobre a matéria; 10) centralidade.

#### 4 Resultados/Discussão

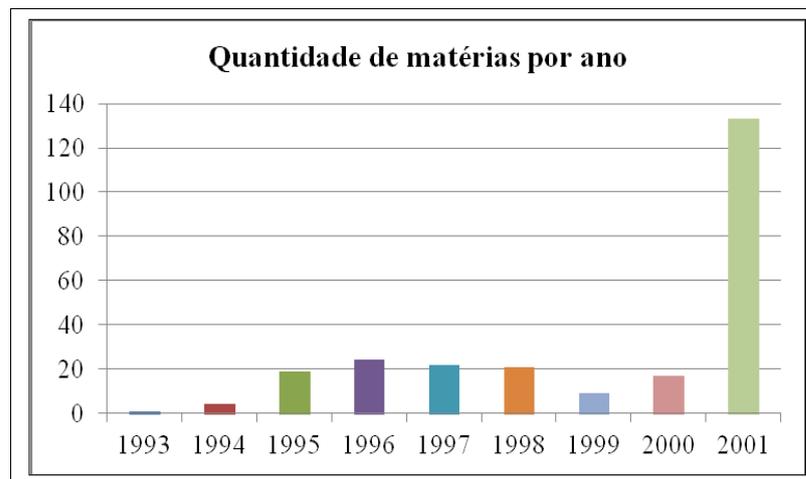
Do período de janeiro de 1993 a dezembro de 2001 mantivemos para análise 250 matérias no jornal *O Popular*. Os indexadores com maior número de matérias foram “homossex/gay”, com 193; “travesti” com 19; “transex” com 16; “lésbica” com 12; “bissex” com 08; e “diversidade sexual” com 02. Não foram encontradas matérias com os indexadores “LGBT”, “homofobia” e “transgênero”.

Acredita-se que a inexistência de matérias com tais indexadores possa ser explicada pelo fato de serem termos os quais a origem ainda é recente. Elas acompanham a história e debate travado no âmbito do movimento homossexual brasileiro, no qual há uma descentralização das identidades sexuais a partir dos anos 1990. Segundo Facchini (2005) o movimento homossexual seguiu uma periodização que se inicia com a primeira ‘onda’ nos anos 1970, com a criação do grupo Somos e o lançamento do jornal *Lampião da Esquina* (1978), uma segunda ‘onda’ nos anos 1980, com os grupos Gay da Bahia (Salvador), Triângulo Rosa (Rio de Janeiro) e também Atobá (Rio de Janeiro), e uma terceira ‘onda’ a partir dos anos 1990, no qual há um reflorescimento do movimento homossexual brasileiro.

O cenário dos anos 1990 é marcado pela multiplicação dos grupos de ativistas configurando o que Facchini denomina como “sopa de letrinhas”, ou seja, uma diversidade de sujeitos a compor o movimento, a formação de redes regionais e nacionais, a consolidação das paradas e um crescimento do mercado segmentado voltado ao público LGBT (BORGES, 2012). Apesar de a homofobia ter sido o carro-chefe a partir do qual o movimento LGBT busca aglutinar a participação dos diversos sujeitos associados ao movimento e legitimar suas reivindicações no campo dos direitos e da política, as matérias que abordam a questão do preconceito contra a população LGBT, bem como o termo “homofobia” ainda não aparecem nesse primeiro recorte temporal (1993-2001).

Como o gráfico abaixo demonstra, a maior parte das matérias se localiza no ano de 2001.

**Figura 1** - Quantidade de matérias mapeadas por ano, no período de 1993 a 2001.



Fonte: Dados da coleta

É visível a intensificação do número de matérias a partir deste ano, e nos anos subsequentes. Apesar de ainda não termos os dados quantitativos de matérias do período de 2002 a 2011, sabemos que, em termos numéricos, há uma explosão de matérias. Se no período de 1993 a 2000, as matérias aparecem de forma espaçada, a cada ano, dez, vinte matérias no máximo, nos anos de 2001 em diante, as matérias passam a ser diárias, espalhadas em diferentes editorias e chegam até sete matérias em um mesmo dia.

Em uma análise mais qualitativa, procedeu-se uma leitura mapeando àquelas que abordam o tema em questão com um foco mais ou menos centralizado. Para tanto, considerou-se na leitura se e como o tema é enfatizado, de forma “central” ou “não central”. Ou seja, os textos que discutiam e enfocavam a proposição temática, e aqueles que comentavam, mas não tinham o tema como preocupação primeira ou central na análise.

**Tabela 1** - Quantidade de matérias identificadas cujo tema era tratado de forma *central* ou *não central*.

Indexadores	Tema central	Tema não central
Bissex	02	06
Diversidade sexual	01	01
Homossex/gay	120	73
Lésbica	01	11
Transex	11	05
Travesti	02	17
<b>TOTAL</b>	<b>137</b>	<b>113</b>

Fonte: Dados da Coleta

Esses resultados indicam que as matérias sobre a população LGBT têm sido tema de pauta no jornal, no entanto, quando analisamos a centralidade que elas ocupam percebemos que quase metade delas tratam do tema de forma secundária, sem um foco ou discussão mais central. Em pesquisas recentes, como a de Leal & Carvalho (2012), é notada a discrepância na forma de tratar o tema da população LGBT. As matérias tendem a apenas noticiar o evento, mas não se preocupam em discutir ou problematizar tal assunto.

Nas editorias, localizamos 94 matérias na editoria “O Popular 2”, (consiste em colunas de mídia, televisão), 29 na editoria “Polícia” (onde são divulgadas matérias sobre violências e crimes), e 20 nas editorias “Geral” (se configura com colunas majoritariamente referidas à mídia e informações gerais) e “Cidades” (assuntos da cidade de Goiânia e municípios do Estado).

É notória a quantidade de matérias com os termos “homossexuais” e “gays” na editoria “O Popular 2”. Os textos aparecem em uma abordagem indireta, em matérias com celebridades, que interpretaram personagens “gays” e/ou “homossexuais”. Há uma recorrência de pautas focadas no processo de “saída do armário” de indivíduos, com pouca ou sem nenhuma discussão social do que isso possa representar.

O termo “travestis” é o segundo mais explorado nas matérias. No entanto, diferentemente do termo “homossexual” e “gay”, ele aparece associado à assaltos, crimes, violência, mercado de sexo, entre outros, com matérias localizadas na editoria “Polícia”. Tal relação entre os dois termos – “homossexual/gay” e “travesti” –, é conflituosa e cheia de tensões. Se por um lado nota-se uma crescente visibilidade da população LGBT, por outro indica-se que certas “identidades” são mais abjetas que outras (BUTLER, 1993; 2003). Ou seja, as matérias têm visibilizado os “homossexuais”, “gays” e “travestis” incorporando matérias sobre esses sujeitos, mas chama atenção a forma como elas são apresentadas bem como a localização que ocupam nas Editorias. Ao mesmo tempo em que existe uma maior visibilidade para os LGBT, é flagrante a invisibilidade e zonas de somreamento criadas na localização e circulação das matérias sobre as “travestis” em comparação com os “homossexuais” e “gays”.

### **5 Editorias “Cidades” e “Opinião”: tema *central***

As tabelas 2 e 3 apresentam o contexto de publicação das matérias com os indexadores “homossexual/gay” nas respectivas editorias, com as seguintes informações: data; título; fonte; e comentário sobre a matéria. Em “comentário sobre a matéria”, encontram-se os temas que

atravessam o texto, isto é, qual o assunto ou evento, tema, privilegiado ao abordar a população LGBT. Identificamos três tipos de abordagem: i) na esfera dos direitos – àquelas que continham uma preocupação diretamente relacionada aos direitos civis de homossexuais, transexuais, aos direitos humanos da população LGBT etc. –; ii) na esfera das produções e pesquisas científicas – matérias elaboradas a partir de argumentos científicos e dos saberes autorizados para tecer considerações sobre as sexualidades da população LGBT –; iii) e atravessada por discursos homofóbicos – quando o conteúdo da matéria explicitava um posicionamento ideologizado, e pontuadamente homofóbico sobre a população LGBT.

**Tabela 2** - Data de publicação, título e abordagem de matérias *centrais* na editoria Cidades

<b>Nº</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Comentário sobre a matéria</b>
<b>01</b>	04/07/1994	“Papa defende monogamia e união heterossexual”	Cidades	Homofobia
<b>02</b>	13/08/1996	“Para diminuir conflito nessas situações, Grupo Gay da Bahia lança campanha educativa dirigida à família”	Cidades	Direitos
<b>03</b>	03/02/1997	“Eles não querem véu e grinalda”	Cidades	Direitos
<b>04</b>	06/09/1997	“Gays lançam manual de sobrevivência”	Cidades	Direitos
<b>05</b>	03/04/1998	“Bosque vira encontro de homossexuais”	Cidades	Homofobia
<b>06</b>	25/07/1998	“Entidade de ativistas gays cobra uma ‘sexualidade cidadã’”	Cidades	Direitos

07	10/10/1999	“Pesquisa feita nos guetos de gays e lésbicas, em Goiânia, mostra que rotina conjugal dos homossexuais não difere da vivida pelos casais hetero”	Cidades	Pesquisas
08	29/04/2001	“Foi só de 8,4% a diferença entre os que votaram a favor ou contra - internautas se dividem sobre casamento gay”	Cidades	Pesquisas
09	29/06/2001	“Estimativa é de que existam 100 mil homossexuais em Goiânia”	Cidades	Direitos

Fonte: Dados da Coleta

Tabela 3 - Data de publicação, título e abordagem de matérias *centrais* na editoria Opinião

Nº	Data de publicação	Título	Fonte	Comentário sobre a matéria
01	05/08/2001	“Parceria civil: um direito à cidadania”	Opinião	Direitos
02	12/08/2001	“Credo-em-cruz”	Opinião	Homofobia

Fonte: Dados da Coleta

Na editoria “Cidades”, as matérias com o indexador “transex” foram localizadas no seguinte contexto de publicação:

Tabela 4 - Data de publicação, título e abordagem de matérias *centrais* na editoria Cidades

Nº	Data de publicação	Título	Fonte	Comentário sobre a matéria
01	26/10/1995	“Artesão tenta mudar sexo cortando pênis”	Cidades	Direitos

<b>02</b>	27/10/1995	“Artesão quer adotar nome de mulher”	Cidades	Direitos
<b>03</b>	24/09/1997	“Hospitais poderão fazer cirurgias de troca de sexo”	Cidades	Direitos

**Fonte:** Dados da Coleta

## 6 Editorias “Cidades” e “Opinião”: tema *não central*

Na editoria “Cidades”, foram localizadas 07 matérias com tema “não central”, como está indicado a seguir, na tabela 5, e nenhuma matéria na editoria “Opinião”.

**Tabela 5** - Data de publicação, título e abordagem de matérias *não centrais* na editoria Cidades

<b>Nº</b>	<b>Data de publicação</b>	<b>Título</b>	<b>Fonte</b>	<b>Comentário sobre a matéria</b>
<b>01</b>	23/06/1995	“Sociedade patriarcal está em extinção, diz feminista”	Cidades	Pesquisas
<b>02</b>	01/01/1997	“Mix de discussões sobre a sexualidade”	Cidades	Direitos
<b>03</b>	12/08/1997	“Bancário morto por garoto de programa em quarto de motel”	Cidades	Homofobia
<b>04</b>	02/10/1997	“Comerciante morto a golpes de punhal”	Cidades	Homofobia
<b>05</b>	10/06/2001	“Sexualidade infantil deixa pais confusos”	Cidades	Pesquisas
<b>06</b>	24/07/2001	“Pesquisa mostra que 80% das garotas e 46% dos rapazes até 19 anos não haviam se iniciado sexualmente”	Cidades	Pesquisas

---

<b>07</b>	12/11/2001	“Disciplina foi lançada em 1997 pelo MEC nas escolas públicas, mas sua adoção é tímida por causa de preconceitos Educação sexual esbarra nos tabus”	Cidades	Direitos
-----------	------------	---	---------	----------

---

**Fonte:** Dados da Coleta

No que diz respeito às editoriais “Cidades” e “Opinião”, é possível verificar uma (in)visibilidade de certas identidades sexuais da sigla LGBT. Apenas algumas identidades aparecem nas matérias: a) “gays”, b) “homossexuais” e c) “transexuais”. Outras identidades da sigla, e indexadores correlatos nesta pesquisa, não aparecem, são invisibilizados, assim como os resultados encontrados na pesquisa de Leal & Carvalho (2012).

Uma das hipóteses é que tais identidades, “gays”, “homossexuais” e “transexuais”, apesar de serem seres “abjetos”<sup>4</sup> (BUTLER, 1993; 2003), ainda preservam uma certa coerência entre corpo, gênero e orientação sexual. Talvez seja mais aceitável, ou mais palatável, abordar uma discussão sobre a cirurgia da troca de sexo (uma “identidade transexual”), do que uma pessoa que se traveste (uma “identidade travesti”). Há nas identidades “gays” e “transexuais” um marco regulador, que é estar no corpo “masculino” ou “feminino”. Enquanto, por outro lado, uma pessoa que se traveste habita justamente o ambíguo, gerando dúvidas, suspeitas.

### **Considerações Finais**

O termo “transexual” é o mais expressivo em uma discussão localizada na esfera dos direitos. De modo geral, no conteúdo das matérias nota-se uma preocupação no alargamento teórico e conceitual ao referirem-se às identidades “transexuais” ou o assunto da “transexualidade”. Um dos apontamentos possíveis para tal resultado pode ser compreendido pelo lugar de que interesse científico que a transexualidade tem ocupado, especialmente com a normatização das cirurgias de redesignação. Por outro lado, as identidades de “travestis”, são expostas diariamente em matérias de assaltos, crimes, mercado de sexo, vandalismo etc.

---

<sup>4</sup> Judith Butler cunha o termo “abjeto” para designar àqueles corpos à margem da norma, entendidos como destituídos de “sua humanidade”, e por isso, relegados à invisibilidade (BUTLER, 1993; 2003).

Quando passamos para um panorama mais geral de matérias sobre a população LGBT, o que se verifica é uma grande incidência de aspectos associados à “celebridades” no contexto midiático, privilegiado por um enfoque individualista. Em especial essas matérias dirigem-se a interpretações de atores encenando personagens “gays” e “homossexuais”, ou de celebridades que se assumiram gays. Já em relação às identidades “lésbicas”, não encontramos nenhuma matéria que se referisse a uma lésbica sendo encenada na televisão ou outro veículo midiático, ou que uma mulher famosa se assumisse publicamente como “lésbica”. Somente em uma matéria, no ano de 2001, que se refere a atriz Angelina Jolie, como o “grande escândalo de Hollywood” por ter se “assumido bissexual”. Uma das possíveis formas de se compreender tal ausência refere-se à forma como a mídia apresenta as mulheres, ainda em uma posição secundária e recorrendo à histórica supressão da sexualidade feminina. Como assinala Moreno (2013, p.2), “a mulher na mídia tem roupagem do século 21 e valores do século 19”.

Os resultados parciais desta pesquisa nos permitiu, até o momento, mapear alguns discursos e contextos que marcam o debate sobre a população LGBT. Cada vez mais o tema ganha espaço no jornal, indicando uma maior abertura ao tema da população LGBT e da diversidade sexual. No entanto, nos perguntamos se o fato de ter havido um incremento numérico de matérias sobre a população LGBT possibilita concretamente uma maior visibilidade das diversas formas de sexualidades ou se algumas formas de sexualidades permanecem (in)visibilizadas sob a retórica de um discurso de uma maior diversidade sexual.

Artigo submetido em 05/12/2013 e aceito em 12/12/2013.

## Referências

BORGES, L. **Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão.** 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Psicologia: Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BORGES, L. Políticas públicas, movimento LGBT e a psicologia: diálogos e tensões de um campo em construção. In: CHAVES, J. (Org.). **Psicologia social e políticas públicas: contribuições e controvérsias.** Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.

BUTLER, J. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”.** New York/London: Routledge. 1993.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, L. **Posições identitárias na homossexualidade masculina e suas relações com o consumo**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Estudos e Pesquisas em Psicologia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005.

LEAL, B.; CARVALHO, C. A grande mídia brasileira e identidades LGBT: um retrato em 2008. **De la comunicación Diálogos**, v. 4, n. 84, p. 1-24, 2012.

MASKUD, I. Sexualidades e mídia: discursos jornalísticos sobre o “sexual” e vida privada. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 663-671, 2008.

MORENO, R. **Na mídia, representação das mulheres também é desigual**. Disponível em: <[http://www.abcdmaior.com.br/noticia\\_exibir.php?noticia=49666](http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=49666)>. Acesso em: 25 abr. 2013.